



A grande dama do tênis

MEMÓRIAS E MARCAS
ESPETACULARES DE MARIA
ESTHER BUENO, A MAIOR
TENISTA BRASILEIRA DE
TODOS OS TEMPOS

FLÁVIA G PINHO
FOTOS EGBERTO NOGUEIRA / IMÁFOTOGALERIA

MANHÃ ENSOLARADA de segunda-feira em São Paulo. Pelas elegantes dependências da Sociedade Harmonia de Tênis, clube onde treina ao menos três vezes por semana, Maria Esther Bueno circula com a altivez de um mito. Aos 76 anos, a tenista responsável por difundir a categoria feminina do esporte no Brasil ainda desperta um misto de admiração, inveja e respeito sempre que empunha a raquete. Funcionários, sócios decanos e jovens parceiros de quadra sabem que a mulher de silhueta esguia e gestos precisos não tem o nome impresso somente na placa de bronze que adorna a quadra de saibro – ele está gravado, de forma indelével, na história do tênis internacional. Neste momento de preparativos para os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, os atletas que sonham com o pódio têm na trajetória de Maria Esther uma fonte de inspiração. Ela mostra onde se pode chegar através do esporte. Poucos brasileiros foram tão longe.

Maria Esther não chegou a participar de uma Olimpíada. O tênis, na época em que ela brilhava no esporte, estava fora do programa olímpico, do qual só voltou a fazer parte em 1988, em Seul, na Coreia. Agora, ela não esconde o entusiasmo pela chance de ver seu país ser anfitrião de grandes nomes das quadras na atualidade. “O Federer [o suíço Roger Federer, medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012] já anunciou que gostaria de jogar aqui, talvez contemos de fato com a presença de grandes atletas”, torce. E quanto aos tenistas brasileiros? “Não teremos um

campeão de uma hora para outra, mas sempre espero boas atuações. Sedar as Olimpíadas é fantástico para todos nós, pois nossos competidores têm a possibilidade de jogar em casa, junto às famílias e com apoio do público. Será, sem dúvida, um grande momento para o esporte.”

Embora não tenha tido a chance de conquista uma medalha olímpica, a tenista, com seu jogo agressivo de saques fortes, acumulou a incrível marca de 585 títulos, sendo 170 internacionais. Houve períodos em que reinou praticamente sozinha. Em 1959, foi eleita atleta do ano pela imprensa americana especializada, disputando com praticantes de todas as modalidades esportivas. No ano seguinte, encerrou a temporada como campeã de duplas nos quatro maiores torneios mundiais: Wimbledon, US Open, Roland Garros e Australia Open. Quando enumera as honrarias que acumulou ao longo da carreira (*leia box*), a tenista não esquece de contar que chegou a dar aulas particulares para a Princesa Diana e seus

dois filhos, William e Harry, quando ainda eram meninos. “Através do tênis, conheci papas, nobres e presidentes. Não ganhei dinheiro, mas fiz coisas que o dinheiro não compra.”

Paulista de nascimento, filha de um industrial do setor químico e de uma dona de casa, ambos tenistas amadores, Maria Esther e o irmão mais velho, Pedro, praticamente nasceram na quadra. “Acho que comecei aos 5 anos, em torno disso. Nem me lembro direito, era muito pequena”, conta, com seu sorriso franco, um dos muitos que distribuiu à reportagem de *Expressions*. A família, que morava no bairro de Santana, Zona Norte paulistana, jogava na quadra de terra do então nobre Clube de Regatas Tietê – onde o pai dela também praticava remo. “Respirávamos esporte o tempo todo, mas não havia qualquer tipo de cobrança. O tênis era sempre encarado como diversão”.

Na adolescência, porém, a menina já demonstrava ser um ponto fora da curva – aos 14 anos, venceu o campeonato de adultos da Sociedade Harmonia de Tênis. Dali para frente, nada mais seria como antes. “Foi quando notaram que eu talvez tivesse um talento especial”.

Os primeiros torneios internacionais aconteceram antes mesmo que Maria Esther recebesse o diploma de normalista do Colégio de Santa Inês. Nas semanas que antecediam as competições, começava a treinar às 5h30, antes que soasse a sineta da escola. Mas o esforço valia a pena. Em 1955, aos 16 anos, voltou dos Jogos Pan Americanos do México

com a medalha de bronze, pela atuação nas duplas femininas. Em 1957, inscrita na categoria juvenil do *Orange Bowl International Tennis Championship*, em Miami, faturou o primeiro lugar. De lá, seguiu direto para outras competições pelos Estados Unidos e Caribe. De 15 torneios, venceu 14. “Naquela época, viajar era difícil e as passagens custavam caríssimo, então ninguém podia voltar para casa entre uma prova e outra. Passei o verão todo competindo, indo de um lugar para o outro, de ônibus ou trem, contando apenas com os poucos recursos dos meus pais. Não vinha apoio de parte alguma e o valor dos prêmios não fazia qualquer diferença”. Em solo estrangeiro e sem domínio do inglês, a moça de família agia como a mais aguerrida feminista – sem se dar conta. “Imagine o que significava viajar sozinha para uma mulher de 17, 18 anos. Todos estranhavam quando eu chegava a um restaurante, para jantar, sem acompanhante”.

“Imagine o que significava viajar sozinha para uma mulher de 17, 18 anos. Todos estranhavam quando eu chegava a um restaurante, para jantar, sem acompanhante.”





A rotina dos atletas, lembra Maria Esther, era duríssima. Não havia treinador, nutricionista ou preparador físico de plantão. Cada um cuidava de si, controlava a própria dieta, planejava os treinos e curava eventuais contusões. Nas partidas sob o sol, não havia qualquer recurso para atenuar o calor, nem guarda-sol para os intervalos. Era comum, lembra a tenista, enfrentar temperaturas acima dos 40°C e sair da quadra com bolhas na testa. “Hoje, você dá corda e põe o sujeito na quadra para jogar, os profissionais ao redor fazem todo o resto”, dispara. Também não havia especialização por categoria. “Eu treinava para as provas simples, de dupla e de dupla mista, o que somava 21 jogos por semana. Eram oito horas por dia, em todo tipo de quadra, uma barbaridade. Em compensação, o melhor do mundo era, de fato, o melhor em tudo”.

criações. Naquele tempo, o padrão de beleza não era de pernas fortes e musculosas como hoje”. A parceria entre os dois, inaugurada com um modelo branco que exibia palmeiras bordadas ao redor da cintura, rendeu alguns dos vestidos mais memoráveis da história do tênis – e escândalos inesquecíveis. Em 1962, a jogadora sacudiu a conservadora plateia de Wimbledon ao pisar na quadra metida em uma minissaia com barra de plástico transparente, que deixava uma parte ainda maior das coxas à vista. Dois anos depois, no mesmo torneio, causou frisson com seu saio rodado, que revelava o forro rosa-choque sempre que a tenista erguia os braços para sacar. “Como a regra exigia o uso do branco, começamos a introduzir cores nos detalhes. As criações faziam um sucesso enorme. Mas imagine que eu só ganhava as roupas, nenhum tostão a mais”.

Maria Esther não se destacou somente no manejo da raquete. Seu porte majestoso chamou a atenção do estilista britânico Ted Tinling (1910-1990), considerado um dos precursores da moda esportiva. “Ele me viu jogando em Paris, em 1958, e achou que eu tinha o tipo ideal para suas

A memória fresca dos anos dourados do esporte não fazem de Maria Esther uma saudosista. Pelo contrário. Comentarista do canal a cabo SportTV há 10 anos, ela mantém-se



“Eram oito horas por dia de treino, em todo tipo de quadra, uma barbaridade. Em compensação, o melhor do mundo era, de fato, o melhor em tudo.”





Hall da fama

- O jogo do US Open em 1964, no qual Maria Esther venceu a americana Carole Graebner em apenas 19 minutos, foi parar no **Guinness Book**. “Como não havia intervalos em função da transmissão televisiva, a partida era contínua”, explica.
- Desde 1978, o nome de Maria Esther Bueno estampa o **Tennis Hall of Fame & Museum**, em Newport (EUA).
- Um verbete da **Encyclopedia Britannica** relembra os pontos altos da carreira da tenista brasileira e algumas de suas adversárias mais difíceis, como Anthea Gibson e Darlene Hard.
- Sua figura foi replicada em cera no museu **Madame Tussauds**, em Londres, e exposta durante cinco anos. “Agora sobrou só a cabeça no acervo, ao lado da Maria Antonieta”, ela acha graça.
- Os Correios lançaram um **selo** especial em 1959, em comemoração à sua vitória em Wimbledon – a mesma que rendeu um abraço do então presidente Juscelino Kubitschek, registrado na capa da revista **Manchete**, e desfile em carro aberto na volta a São Paulo.
- As conquistas em Wimbledon também levaram a jogadora à capa da revista **Cruzeiro**, em janeiro de 1961, ao lado do craque Pelé, do lendário pugilista Eder Joffe e de Bruno Hernani, bicampeão de pesca submarina.
- Uma **estátua** da atleta, em bronze, adorna o Estádio do Pacaembu, em São Paulo. A peça, criada em 1960, ficava na Praça Charles Miller, diante do estádio, e foi transferida para local próximo às quadras de tênis na década de 1990.
- Outra **escultura**, esta assinada pelo artista plástico Gustavo Rosa em 1998, foi fincada na Praça Califórnia, diante da Sociedade Harmonia de Tênis.

gettyimages®
Popperfoto

atualizada. Solteira, sem filhos ou netos, passa cinco meses por ano, em média, entre a Europa e os Estados Unidos, onde cumpre uma intensa agenda de palestras e aulas para grupos fechados, de acesso exclusivíssimo. Sócia-honorária de Wimbledon, onde é bem-vinda no camarote real, sempre foi avessa a hotéis. Prefere se hospedar em casas de amigos. Faz isso desde os tempos de atleta iniciante – foi dessa forma que aprendeu a falar inglês, espanhol, italiano e francês. Sua popularidade, ela mesma atesta, sempre foi maior fora das fronteiras do Brasil. Não por acaso, seu site oficial (www.mariabueno.org) só tem versão em inglês. Ainda assim, continua numeroso o fã-clubes paulistano, sobretudo no Harmonia, onde não lhe faltam parceiros para os treinos rotineiros, que geralmente começam às 7h da manhã e se encerram duas horas depois. “Tenho muitos amigos que vêm me ajudar”, diz, com a modéstia dos mitos. ●